

Oh, Amazônia!

Noenio Spinola *

O Banco Mundial (Bird) mandou ao Brasil uma missão de alto nível para investigar a Amazônia e um dos seus problemas cruciais: o garimpo. Estima-se que mais de 500 toneladas de mercúrio já foram lançadas em rios e terras desmatadas, com o potencial para criar um desastre ecológico muito maior do que o de Minimata, no Japão.

Mais de 4 milhões de pessoas vivem direta ou indiretamente do garimpo, com um índice de analfabetismo de 80%. Considerado isoladamente o problema já é sério hoje, e potencialmente seriíssimo em um amanhã não muito distante. Vistas porém as coisas em um contexto mais amplo, a falta de esgotos sanitários nas regiões de mineração pode ter efeitos cumulativos muito maiores do que os da poluição provocada pelo mercúrio, ou a erosão de barrancas por motobombas. Uma só pessoa com cólera pode infestar uma cidade inteira. O que colocar na frente — o carro ou os bois?

Este é um ano-ecológico, e, por mais honestos que sejam os técnicos das instituições internacionais, o foco principal dos seus interesses será provavelmente o visível, aquilo que o mundo exterior insiste em combater no Brasil: desmatamento, erosão do solo, poluição por mercúrio. Ouro, além do mais, é uma palavra-chave. Ela tanto pode capturar a imaginação de ecologistas quanto de demagogos sem qualquer apetite para falar de esgotos.

Estarão as instituições internacionais acima do bem e do mal para propor soluções aos governos que pedem sua assistência? Diz Roberto Mosse, o principal diretor de operações do Bird para a América Latina e o Caribe: "A raiz de muitos erros apontados em programas financiados com recursos externos encontra-se nas opções dos países que recebem esses recursos."

Mosse pode estar certo, mas a burocracia internacional está longe, também, da inocência ao optar por essa ou aquela alternativa. Todo mundo sabe que os países financiadores do Bird são contra projetos concorrentes com seus interesses, seja na área agrícola, seja na industrial. Como é impossível encontrar um planeta em perfeita harmonia, os ecologistas que voarão como abelhas sobre o mel da Eco-92 deveriam desde já passar o olho crítico em busca de profundidade nos projetos em estudo para a Amazônia. Qualquer coisa que não pense cumulativamente em desenvolver agroindústrias para absorver a mão-de-obra antes que ela chegue à floresta será tiro cosmético para ganhar espaço no turbilhão dos debates da Eco.

Uma interessante discussão sobre esses temas ocorreu no Rio, quando peritos brasileiros propuseram aos técnicos do Bird um projeto para reduzir a poluição através do uso de retortas que recuperam o mercúrio usado para separar ouro. Choveram perguntas: quem introduziria as retortas? O que deveria vir antes — uma lei obrigando o uso ou uma campanha educacional? Como reagiriam os dez ou doze grandes compradores que na realidade controlam boa parte do garimpo?

Para a missão do Bird seria preciso gerar antes uma demanda — isto é, induzir ou forçar a procura dos novos equipamentos, ao contrário de uma técnica do tipo *supply side* em que alguém tenta levar as retortas aos garimpeiros como um padrinho ou um educador.

É provável que os técnicos do Banco, econômicos em suas palavras, tenham reagido às propostas de combate à poluição do mercúrio apenas para ganhar tempo. Mas é provável também que desconheçam a realidade brasileira mais a fundo. Um dos empresários presentes demoliu a idéia de que é possível criar obrigatoriedades legais na selva do garimpo com uma pletera de exemplos de leis inúteis, quase todas desconhecidas pelos competentes funcionários da Rua H de Washington.

O que contribuiu até agora para melhorar o cenário foram ajustes administrativos internos reconhecidos até pelas estatísticas do Tesouro norte-americano. Por exemplo: o contrabando de ouro para os EUA via Uruguai caiu de 35 toneladas em 1985 para quase zero em 1990. As violentas flutuações de preços e desajustes cambiais deram lugar a fluxos financeiros ajustados às cotações internacionais. A legalização internou no Brasil um mercado de mais de 30 mil contratos *spot* por dia, maior do que em Tóquio. O brasileiro não é burro. Da mesma forma, o garimpeiro é um homem que quer trabalhar, ao contrário do parasita urbano. Como tem iniciativa, pode se transformar em bandido se for expulso a bomba ou por leis irrealistas.

Provavelmente o Banco Mundial está interessado em fugir ao cosmético, abandonando as pressões dos seus meandros burocráticos preocupados apenas em mostrar serviço durante um ano ecológico. Os técnicos sabem que sua performance será cobrada nominalmente na "aldeia global" do Rio durante a Eco-92. O guarda-chuva impessoal acabou, graças à democratização no Brasil e um parlamento ativo. Daí o interesse demonstrado em algo além de uma operação tapa-buracos.